

20-06-2022

A JORNADA DO SENHOR DIVINO

Aline de Fátima Marques

[Mestra em Geografia (UEG) – Grupo Dona Alzira]

No crepúsculo de um dia recente, papai, conhecido na região onde mora por senhor Divino, chegou da roça cabisbaixo reclamando da alta inflação e da crise econômica que afeta o país. O pai, camponês experiente, surgiu vagarosamente, como de costume, vermelho do pó da terra e dos raios do sol, rendido pelo cansaço do trabalho, retirou do bolso algumas sementes e disse: *“a comida que chega na mesa das famílias brasileiras vem do campo e das nossas mãos; o milho e a soja produzidas pelo agronegócio engorda a conta bancária dos grandes latifundiários.”* O pai tocou no essencial: o agronegócio alimenta a ganância dos grandes latifundiários, despeja agrotóxico no vento, contamina as águas dos rios, dos lençóis freáticos e adoce a população.

A cobiça pela acumulação de capital desapropria os camponeses; desarticula os povos indígenas e quilombolas; tenta brechar os que lutam pela garantia de seus direitos e pela sua legitimidade; usurpam suas terras e os expulsam de seus lugares. O que se vê logo em seguida é o desmatamento, processo que devora impiedosamente o bioma-território Cerrado e a vida que há nele.

Parece contraditório dizer que o PIB goiano, puxado pelo agronegócio, está no pódio do crescimento do país, uma vez que o nível de desemprego aumenta e o poder de compra torna-se cada vez mais inacessível. O pai sabe com as mãos o preço dessas mudanças. Com os olhos sangrando, a sua crítica vem num manifesto simples: *“Eles estão acabando com tudo... Eles vão acabar com tudo.”*

Não é difícil entender o pai, especialmente para quem foi alimentado pelos calos de suas mãos. Contudo, não estão acabando com tudo, não. Há lutas, resistências, enfrentamentos e articulações de camponeses do Cerrado; e há também propostas de viabilização de circuitos produtivos que geram rendas. Os sujeitos que trabalham com a Agroecologia; as mulheres que trabalham no campo; trabalhadores que desenvolvem hortas comunitárias e feiras do produtor, fazem parte dos circuitos que não se entregam ao agronegócio. E mais: as suas atividades são cheias de expressão simbólica.

É comum esses sujeitos dizerem que estão defendendo o Cerrado vivo e vibrante; e que defendem a vida contra a economia da morte. Da mesma maneira, não separam a vida produtiva das lavouras das festas, do tipo de fala, dos gostos culinários, inclusive do lazer.

Entendem o Cerrado numa dimensão integrada da vida. Desse modo, a geografia do campesinato e a geografia do agronegócio se configuram como conteúdo de discrepantes relações e de antagônicas paisagens.

O território do Cerrado é refém dos pacotes tecnológicos com modelos de comercialização baseados na economia sustentada pelo dólar.

É refém do ranking mundial no uso de agrotóxicos, das desigualdades sociais, da desnutrição e da fome.

Enquanto o presidente da república investe na produção e exportação de soja, milho e algodão em larga escala, faltam alimentos saudáveis, diversificados e de qualidade na mesa do brasileiro. O pai sabe que o camponês, como ele, é o que se ocupa dessa tarefa.

Essa é uma tarefa de vida, não do cerradocídio propagado pelo presidente da república.

No dia seguinte, como de costume, o pai acordou na madrugada, calçou sem meias as botinas gastas pelo tempo e pelo trabalho, adiantou os passos e fez o café balbuciando uma oração no seu ritual sagrado.

Naquele silêncio matutino, não escolheu a roupa, para ele isso não faz sentido. Pegou a calça desbotada e dura, a camisa antiga de mangas longas e o chapéu de palha para se proteger do sol no decorrer do dia.

Tomou um gole de café para despertar seus olhos.

Depois, pegou a enxada com carinho, imaginou que essa companheira abriria a vala da terra para, depois, vir a semente que, benzida da chuva, faria brotar o arroz.

A jornada do dia é longa, pesada, untada de suor, a jornada da lavoura é a sua jornada da vida.

O meeiro, como é o caso do pai, por não ser proprietário da terra, terá que repartir a colheita com o patrão.

Um dia, quem sabe, fora das unhas das mãos e na cabeça, terá a sua terrinha.

Um dia quem sabe!

■ ■ ■

Referência:

Goiás tem salto de 21,3% na produção de grãos. [Governo de Goiás, 2021. Acesso: 04/06/2022.](#)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.